

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

JÓICE APARECIDA KOZIKOSKI

**REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE PROCESSO DA AQUISIÇÃO DO INGLÊS
COMO SEGUNDA LÍNGUA NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2020

JÓICE APARECIDA KOZIKOSKI

**REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE PROCESSO DA AQUISIÇÃO DO INGLÊS
COMO SEGUNDA LÍNGUA NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Aquisição de segunda língua.

Orientador: Prof. Dra. Claudia Marchese Winfield.

PATO BRANCO
2020



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): **Jóice Aparecida Kozikoski**

Título: **Revisão bibliográfica sobre processo da aquisição do inglês como segunda língua na primeira infância.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e **APROVADO** em 27/11/2020,
pela comissão julgadora:

Profa. Dra. Claudia Marchese Winfield - UTFPR Pato Branco
Orientador (a) e Presidente da Banca

Profa. Dra. Marcele Garbin Dagios – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a M.^a Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

OBS.: A FOLHA DE ASSINATURA ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADA NA COORDENAÇÃO DO CURSO, COM AS DEVIDAS ASSINATURAS.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter chegado até aqui, também aos meus pais, Roque e Ironilde e a minha irmã Dariele por ser minha base sempre. Agradeço a minha orientadora Professora Claudia por caminhar comigo e me apoiar nesse trabalho e no curso como um todo, assim como todos os professores do curso de Letras da UTFPR *campus* Pato Branco. A todos meus amigos que de uma maneira ou outra estiveram presentes, e a todos meus alunos que me fortaleceram e que foram inspiração para que esse trabalho existisse. E mais do que agradecer, eu dedico esse trabalho para duas pessoas (*in memoria*) que ajudaram não na construção dessa pesquisa, mas na construção da professora que estou me tornando, meus avôs Francisco e Reovaldino que em algum lugar assistem essa vitória. Também a todos os alunos de escola pública desse Brasil, que sonham e batalham todos os dias em meio a uma série de obstáculos.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!
(Paulo Freire)

RESUMO

KOZIKOSKI, Joice Aparecida. Revisão bibliográfica sobre processo de aquisição do inglês como segunda língua na primeira infância. 39 f. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2020.

Esse trabalho procura investigar o processo da aquisição da língua inglesa como segunda língua para as crianças que estão na primeira infância. Destacando a relação entre o desenvolvimento cerebral, o desenvolvimento da língua materna e fatores como a idade com a aquisição de uma segunda língua, e sua contribuição para o também desenvolvimento da língua materna pelas crianças. Tendo em vista a aquisição simultânea de língua materna e segunda língua. O estudo em aquisição de segunda língua em crianças vem se fortalecendo, devido ao crescente número de escolas bilíngues no Brasil e à alta exposição das crianças à língua inglesa através da internet, desenhos animados, e afins. O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica de estudos sobre desenvolvimento infantil, desenvolvimento linguístico, aquisição de primeira e segunda língua, bem como bilinguismo. A seleção das leituras partiu de temática mais ampla para a mais específica, utilizando artigos e livros relacionados aos temas supracitados, sendo que os principais autores para o trabalho foram Jean Piaget (1896 – 1980), Lev Vygotsky (2007), Marcello Marcelino (2009), Eric Lennenberg (1969), Ellen Bialystok (1988, 2008, 2012), entre outros. O resultado final das leituras sugere que a aquisição de uma segunda língua na infância é facilitada pelo fator idade. Entretanto, a interação no meio social e cultural que ofereça contato com a segunda língua é outra condição necessária para sua aquisição. No que tange ao bilinguismo, percebe-se que o *code-switching* é um fenômeno muito recorrente e não representa uma defasagem cognitiva. Assim como na aquisição da segunda língua, a interação nas esferas culturais e sociais que ofereçam duas línguas também são indispensáveis para a aquisição bilíngue.

Palavras-chave: Bilinguismo; Desenvolvimento; Língua materna; Infância.

ABSTRACT

KOZIKOSKI, Joice Aparecida. Bibliographic review about English Acquisition process like a second language in the first childhood. 39 p. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduation) – Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2020.

This work investigates the acquisition process of English as a second language in early childhood. Highlighting the relationship between cognitive development, mother tongue development, and factors like the age, family and social context in second language acquisition. The study in second language acquisition involving children has been getting stronger due to several reasons, including the increasing number of bilingual schools and the high exposure of the children to English language through the internet, cartoons and similar sources. The study was carried out by means of bibliographic research about children's development, language development, second and first language acquisition, bilingual studies. The selection of readings started from broad themes to specific ones, using articles and books related to the topics above. The main authors reviewed for the study were Jean Piaget (1896 – 1980), Lev Vygotsky (2007), Marcello Marcelino (2009), Eric Lennenberg (1969), Ellen Bialystok (1988, 2008, 2012), among others. Study results suggest that age is a factor that facilitates second language acquisition in early childhood. However, family, social and cultural interaction that offer children contact with a second language is another necessary condition for language acquisition. As regards bilingualism, it is possible to notice code-switching is a recurring phenomenon and it does not indicate a cognitive disadvantage. Similarly to second language acquisition, interaction in cultural, social and family circles are indispensable for bilingual development.

Key-words: Bilingualism; Development; Mother tongue; Childhood

LISTA DE ABREVIATURAS

LI	Língua Inglesa
LM	Língua Materna
ZDP	Zona de desenvolvimento proximal
L2	Segunda língua
ASL	Aquisição de Segunda Língua
LE	Língua Estrangeira
LA	Linguística aplicada

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ACERCA DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA.....	12
2.1	DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A LINGUAGEM.....	12
2.2	PERÍODO CRÍTICO	19
2.3	O BILINGUISMO NA PRIMEIRA INFÂNCIA.....	21
3	METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS.....	30
3.1	QUESTÕES NORTEADORAS ACERCA DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA NA PRIMEIRA INFÂNCIA	30
3.2	PESQUISA NA LITERATURA.....	30
3.3	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS.....	31
3.4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	32
3.4.1	Como se dá o processo de aquisição de segunda língua na primeira infância?	32
3.4.2	Quais os fatores que contribuem para a aquisição da L2 na primeira infância?.....	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Dentro do escopo da área de Aquisição de Segunda Língua (ASL), o presente estudo discute a aquisição¹ ou desenvolvimento do inglês como segunda língua (L2),² e principalmente como esse processo ocorre em crianças na primeira infância que ainda não passaram pela alfabetização. A ASL é uma área de pesquisa na grande área dos estudos de Linguística Aplicada (LA) bastante consolidada na LA, conseqüentemente, esta oferece várias teorias. O aporte teórico deste trabalho combina os pressupostos de Piaget sobre o desenvolvimento infantil (PIAGET *apud* CAVICCHIA, 2019), a Teoria Sociocultural de Vygotsky (1934), juntamente com outros autores como Lennenberg (1969) e Scliar-Cabral (2008) referente ao período crítico, e pesquisadores do bilinguismo como Bialystok (1988, 2008), Marcelino (2009), entre outros. O foco desta pesquisa é a ASL por crianças na faixa etária de dois a cinco anos de idade, pelas perspectivas das teorias citadas acima. Além disso, busca-se estudar de que forma o inglês como segunda língua pode ajudar no desenvolvimento da língua materna, considerando que ao adquirir uma segunda língua, a criança passa a decifrar um novo código concomitante ou sequencialmente à sua língua materna (LM).

Sabendo que é na infância que a aquisição da LM ocorre com maior vigor (PIAGET, *apud* CAVICCHIA, 2019; LENNENBERG, 1967; SCLiar-CABRAL, 2008, entre outros) e tendo em mente que, no mundo globalizado, a exposição das crianças à L2 ocorre de modo mais intenso e frequente, pretende-se entender o processo de aquisição de uma L2 na infância. Vale lembrar que na primeira infância, as crianças começam a representar a sua realidade por meio da linguagem verbal.

¹ Entende-se por aprendizagem o desenvolvimento formal e consciente da língua, normalmente obtido através da explicitação de regras. Aquisição é o desenvolvimento informal e espontâneo da segunda língua, obtido normalmente através de situações reais, sem esforço consciente. (LEFFA, 2016, p.23)

² Segunda língua é definida como o idioma é utilizado em uma situação de imigração para um país de idioma diferente da língua materna do indivíduo, e este deve ser aprendido para possibilitar a comunicação nesse novo país, com o tempo e a experiência o indivíduo aprende ou adquire o idioma e este se torna a sua segunda língua. (SOUTO et al.ee, 2014, p. 890)

Entretanto, o processo de aquisição da linguagem não acontece de maneira exclusivamente individual.

Atualmente, nota-se que muitas crianças entre dois e cinco anos de idade que não são alfabetizadas estão expostas à língua inglesa em ambientes escolares, midiáticos e até mesmo familiares, porém nessa idade as crianças estão adquirindo a LM, o que gera muitas dúvidas nos pais, professores e pesquisadores sobre as vantagens, desvantagens e os benefícios do desenvolvimento bilíngue.

Esse estudo consiste em revisar a literatura da área de bilinguismo com objetivo de compreender como uma criança não alfabetizada adquire uma segunda língua, analisando o desenvolvimento das áreas de desenvolvimento linguístico e o domínio delas entre crianças bilíngues, de acordo com os estudos examinados.

Esse trabalho nasceu a partir de minha experiência como professora em uma escola de educação infantil, com turmas de crianças entre de 2 a 5 anos de idade. Envolvida com essa realidade, muitas vezes ouvi pais terem dúvida se de fato as crianças pequenas poderiam aprender uma segunda língua, essa dúvida foi o que motivou essa pesquisa, e me levou a pensar a educação bilíngue também para as crianças pequenas.

O segundo capítulo do presente trabalho apresenta a teoria investigada e as temáticas relevantes para o estudo da aquisição do inglês como L2 na primeira infância, partindo da área mais geral para a mais específica. Assim, os pressupostos teóricos dividem-se em três outras subpartes: o desenvolvimento infantil e a linguagem, o período crítico e o bilinguismo na primeira infância.

Inicialmente, o trabalho irá discutir o desenvolvimento infantil e a linguagem, levando em conta que a primeira infância se caracteriza dos dois aos cinco anos de idade a partir dos estudos de Jean Piaget (1896 – 1980), apresentando estágios de desenvolvimento na infância. De acordo com a visão piagetiana, nota-se que a faixa etária estudada nesse trabalho encontra-se na transição do período sensório motor para o pré-operatório em que a principal característica é a aquisição da LM. Nesse período, a criança adquire o código linguístico, e faz relações mentais com o meio social ao qual ela faz parte.

Leva-se em consideração também a teoria sociocultural de Vygotsky (2007) e seus principais conceitos, como o papel do mediador e as zonas de

desenvolvimento potencial, proximal e ideal, destacando a importância da troca de experiências culturais e sociais para o aprendizado da LM e da L2.

Na segunda parte dos apontamentos teóricos, discorre-se sobre o período crítico, período esse que é encontrado em especial na teoria de Eric Lenneberg (1969), que é considerado o “pai do período crítico”. Ele caracteriza esse período como o mais propício para adquirir linguagem do ponto de vista biológico, que acontece durante toda a infância até por volta do início da pré-adolescência, quando o cérebro já atingiu 65% de sua maturação, segundo o autor. Sendo assim, é possível dizer que a idade é um dos fatores que influenciam a ASL, de modo que as crianças em sua primeira infância estariam mais propensas a adquirir uma L2.

Na última parte teórica, trata-se do bilinguismo de fato ocorrido na infância. Para isso apresentam-se os estudos de Marcelino (2009), Bialystok (1988, 2008, 2012) entre outros. Tais estudos discutem alguns fenômenos que acontecem com as crianças bilíngues como o *code-switching*³ considerado não uma defasagem, mas sim, uma maneira de facilitar a comunicação tipicamente utilizada por indivíduos bilíngues (BIALYSTOK, 2008; CRISTINO, 2008).

O terceiro capítulo aponta a metodologia do presente trabalho, como se deu a pesquisa bibliográfica, os autores estudados e quais apontamentos desses foram importantes para a construção da pesquisa. Em seguida, no quarto capítulo discutem-se os dados levantados a partir da pesquisa bibliográfica. Por fim, desenvolvem-se as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas nesse estudo, que pode ser útil para futuras pesquisas acerca do processo de aquisição de uma segunda língua, seja para professores, pais ou demais interessados no assunto. Camila Dassi (2018) estudou nessa mesma linha, porém investigou as vantagens e desvantagens do processo bilíngue, já esse estudo irá detalhar como acontece esse processo com o intuito de ajudar a sanar dúvidas em relação a esse processo.

³ Fenômeno citado por Ellen Bialystok (2008) no qual se refere a uma troca de códigos linguísticos, fazendo com que se misture as línguas em um mesmo contexto de fala.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ACERCA DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LINGUA

Nessa seção são apresentados alguns estudos acerca do processo de aquisição de segunda língua na primeira infância, construindo um caminho que se inicia pelo desenvolvimento infantil. Dessa forma, inicia-se esta pesquisa a partir dos estudos de Jean Piaget (*apud* CAVICCHIA, 2019) sobre o desenvolvimento infantil de modo geral e da linguagem. Subsequentemente, as contribuições de Lev Vygotsky (2007) são consideradas, compreendendo a teoria sociocultural, que enfatiza o papel do meio e da interação social para a aquisição da língua materna. Depois, analisa-se o fator idade de acordo com a hipótese do período crítico, oriunda do ponto de vista biológico de Eric Lenneberg (1969), para posteriormente discutir-se o bilinguismo a partir dos estudos de Marcelino (2009), Bialystok (1988, 2008, 2012) e outros, notando alguns fenômenos típicos do bilinguismo, como, por exemplo a alternância de códigos linguísticos para fins de comunicação.

2.1 DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A LINGUAGEM

Jean Piaget (1896-1980), psicólogo, biólogo e epistemólogo suíço dedicou-se por anos a estudar o desenvolvimento do pensamento e da linguagem infantil, que não será o foco propriamente deste trabalho, porém é citado aqui porque se faz necessário compreender o processo de aquisição da LM dentro do âmbito do desenvolvimento infantil. Assim, será possível refletir sobre o processo de aquisição de uma segunda língua (L2) durante a primeira infância, já que essa é a fase inicial de desenvolvimento da linguagem nas crianças, conforme será explicado a seguir. Para classificar e compreender melhor o desenvolvimento infantil, Piaget classificou as fases do desenvolvimento que são de suma importância para o entendimento da aquisição da linguagem que são resumidos no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Estágios de desenvolvimento de Piaget

Estágio	Faixa etária
Inteligência sensório-motora	Até 2 anos
Inteligência simbólica ou pré-operatória	De 2 a 7-8 anos
Inteligência operatória concreta	De 7-8 anos até 11-12 anos
Inteligência operatória-formal	A partir de 12 anos

Fonte: Ferracioli, 1999

Para Piaget, a construção do conhecimento se dá pela experiência, ou seja, a partir da vivência prática, a criança cria significado de determinada ação, objeto ou, no caso da linguagem, das palavras. Durlei de Carvalho Cavicchia, professora do departamento de psicologia da Universidade Estadual de São Paulo, explica em seu artigo ao falar do panorama geral dos estágios de Piaget:

Conhecer significa, pois, inserir o objeto num sistema de relações, a partir de ações executadas sobre esse objeto. O conhecimento não é uma cópia, mas uma integração em uma estrutura mental pré-existente que, ao mesmo tempo, vai ser mais ou menos modificada por esta integração (CAVICCHIA, 2019, p. 1)

Assim, é possível refletir que a aquisição da segunda língua (ASL) não será meramente uma cópia, ou uma repetição do que o professor está ensinando, ou seja, repetição de palavras, de pronúncia, estruturas gramaticais. Outrossim, requer uma relação mental com representação da realidade em que a criança está inserida, na qual ela estabelece relações, interage, aprende. Idealmente, a experiência com a L2 pode oferecer à criança a possibilidade de representar sua realidade, interagir e aprender em um processo que é mediado pela L2. Isso pode se dar através da experiência prática, por meio de jogos, brincadeiras, gestos, atividades lúdicas e afins.

Com esse tipo de experiência, a estrutura mental da criança poderá ser modificada através da aquisição de duas línguas, como um processo de aquisição de códigos mentais, o código 1 (LM) e o código 2 (L2), sendo que os dois códigos estão relacionados no mesmo sistema, ou seja, a linguagem, que é ativada de

acordo com a necessidade de comunicação que se apresentar. Ademais, para que haja interação na L2, a criança precisa sentir a necessidade de se comunicar, seja com a professora, com os colegas, ou com a própria família. Dessa forma, ela percebe que aquele “código” é tão importante quanto a LM, se ela não o utilizar, ela não será atendida e/ou compreendida.

Segundo a teoria dos estágios do desenvolvimento proposta por Piaget (ano), quando a criança está no final do estágio “sensório-motor” ela desenvolve o pensamento simbólico e consegue representar mentalmente os objetos que conhece, sem precisar da presença concreta deles. Assim, ela é capaz de pensar, imaginar e lembrar o que ela conhece utilizando os símbolos. É nesse estágio que ocorre a aquisição de linguagem.

A linguagem é um recurso fundamental para representação simbólica e, segundo o teórico, a capacidade de simbolizar a própria realidade marca o início dos processos de pensamento. Com a aquisição da linguagem, a criança consegue representar mentalmente sua realidade, seus pensamentos, suas necessidades de modo simbólico e expressá-los verbalmente. Maria Vilani Soares, da Universidade Federal do Piauí, no seu artigo “Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: três abordagens”, sugere que durante esse período

O sujeito passa por diferentes fases de imitação: inicialmente, uma cópia direta dos gestos do adulto, esta se transforma, gradativamente, em atos de inteligência representativa e em jogos simbólicos acompanhados de vocalizações ou palavras (VILANI, 2019, p.4)

Ou seja, a princípio a criança pode realizar uma imitação, entretanto sabemos que essa imitação não é apenas uma cópia, mas uma internalização da linguagem que mais tarde se dará no processo da aprendizagem, transformando em ações ou palavras concretas. De modo similar, na obra *How languages are learned* (2013), os autores Patsy Lightbown e Nina Spada afirmam que, segundo Piaget, a “linguagem pode ser usada para representar o conhecimento que as crianças têm adquirido através da interação física com o meio” (LIGHTBOWN; SPADA, 2013, p.32, *tradução nossa*⁴). Logo, as crianças utilizam a linguagem como um artefato simbólico para representar tudo àquilo que elas vivem.

⁴ *Language can be used to represent knowledge that children have acquired through physical interaction with the environment.*” (LIGHTBOWN; SPADA, 2013, p. 32).

Sendo assim, no que tange à L2, a linguagem como um artefato para representar a realidade da criança é permeada pela cultura⁵ por ela vivenciada tanto no contexto familiar, como na própria escola ou instituição em que ela adquire a L2, como por exemplo, o contexto das escolas bilíngues. A família e a escola têm a sua própria cultura, marcada por variados aspectos, que é também adquirida pela criança juntamente com a linguagem.

Em uma situação de escola bilíngue, é provável que essa cultura seja levada do lar para a escola e vice-versa, promovendo um intercâmbio cultural entre as duas instituições, pois o ser humano não é apenas um ser passivo, o qual apenas recebe a cultura, mas intervém nos processos culturais e os transforma. (ROMERO, 2015, online). O indivíduo social não é só capaz de absorver uma cultura como também alterá-la a partir de todas as suas experiências culturais. É, de fato, esse processo que ocorre com as crianças, absorvendo a cultura do lar e da escola, entretanto alterando a partir de tais vivências. A pedagoga Priscila Romero citando Stadler (*apud* Romero, 2015) diz que “o homem não é um ser passivo, visto que é um ser que ao criar cultura cria a si mesmo” (Stadler *apud* Romero, 2015, online). Mediante esse intercâmbio cultural aqui entendido como escola-família, família-escola, a criança está construindo a sua própria cultura o que posteriormente auxiliará na construção intelectual da criança.

De fato, esses são alguns conceitos da teoria sociocultural do psicólogo russo Lev Vygotsky (1896 – 1934). A teoria propõe que os contextos sócio-históricos e socioculturais são de suma importância para aprendizagem e desenvolvimento linguístico da criança, pois a criança está inserida em uma sociedade onde há uma cultura, uma história e pessoas que constituem a realidade dessa criança e por ela são transformadas. Não só a linguagem, mas todo o desenvolvimento da criança, é influenciado pelos aspectos sociais, históricos e culturais.

Considerando o desenvolvimento linguístico, vale lembrar que na primeira infância a criança interage em esferas sociais, como a escola, a família, entre outras, tais interações são mediadas pela linguagem dos pais, familiares, professores entre outros fatores. Como as interações são mediadas pela linguagem, estas motivam o desenvolvimento linguístico da criança. De fato, a linguagem adquirida também é um

⁵ “A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças, e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p.54, *apud* Dagios, 2010, p. 29).

elemento cultural dessa sociedade, sendo que em algumas situações, a L2 também é um elemento cultural mediador.

Para Vygotsky, a criança tem condições de ser ativa na sua própria construção social e intelectual, e para isso acontecer é imprescindível que a mediação aconteça, e nesse processo de mediação a criança consegue desenvolver o pensamento e a linguagem, já que o autor acredita que um está ligado ao outro (VYGOTSKY, 2007 p. 118).

Um dos fenômenos mais importantes para que, na prática, essa relação linguagem-pensamento possa realizar-se é a fala interior, uma vez que a partir dessa fala a criança consegue entender-se para então socializar com o mundo externo. Portanto, primeiro ela assimila para ela mesma o aprendizado seja da LM ou L2, depois ela externaliza esse conhecimento, também é uma forma de a criança relacionar o mundo externo com os seus próprios pensamentos.

Essa relação do mundo interno para o mundo externo que inicia com a fala interior inicia no contexto familiar e é afirmado no ambiente escolar, quando inicia o processo de mediação com a figura de uma/um professor/a. A partir do mediador é possível que a criança saia da sua zona de desenvolvimento real, que é aquilo que ela sabe no momento, e passa para a zona de desenvolvimento potencial, que é o conhecimento que ela pode adquirir.

A zona de desenvolvimento real é o que a criança já consegue realizar sem precisar de ajuda. Se pensarmos na linguagem, a LM no geral é o que a criança já consegue desenvolver inclusive com a relação pensamento-fala. A zona de desenvolvimento potencial se caracteriza quando a criança já passou pela mediação e está pronta para resolver conflitos maiores (ROMERO, 2015, online), porém ainda na zona de desenvolvimento de potencial a criança precisa do mediador, para que possa atingir esse potencial. É justamente essa interação com o mediador que caracteriza a zona de desenvolvimento proximal, (doravante ZDP). A ZDP é o processo de mediação, a distância entre esses dois níveis, o real e o potencial, onde o mediador é a figura mais importante para que a criança consiga passar do nível real para o potencial.

Podemos exemplificar esse processo imaginando a travessia de uma ponte. O nível real é um lado da ponte, o nível potencial é o outro lado onde se deseja chegar, a ZDP é a própria ponte que leva de um lado para o outro e o mediador é

quem vai acompanhar essa travessia para que nada se perca. No processo de aquisição da L2, a criança vai sair do real (LM) para a o potencial (L2) e a ZDP é o processo todo, desde a zona real até a zona potencial, fazendo um caminho de aquisição contemplando todas as esferas e tudo ao que a criança está exposta.

Ademais, Vygotsky (2007) apresenta quatro conceitos para aquisição da linguagem e o desenvolvimento humano: mediação, regulação, internalização e ZDP (previamente descrito). Segundo a professora Mailce Borges Motta, da Universidade Federal de Santa Catarina, “destes o mais importante é o conceito de mediação” (MOTA, 2009, p.18), afinal tudo que o ser humano faz e/ou aprende é mediado por outro ser humano, ou algum artefato material ou simbólico, portanto o indivíduo está sempre em contato com o outro realizando processos de mediação. A primeira infância, em especial, é altamente marcada por esses processos, pois nessa idade a criança ainda precisa da figura materna, por exemplo, para suprir suas necessidades básicas. À medida que a criança se desenvolve, ela desenvolve também a linguagem, que é considerada um artefato simbólico assim como a cultura. Na mediação com os adultos, como por exemplo, membros da família, da escola e de seu contexto social imediato, a criança tem contato com pessoas que têm mais experiência e conhecimento linguístico e, dessa forma, interage com novos conhecimentos, inclusive conhecimentos linguísticos. Além disso, vale lembrar que existe mediação pela linguagem nos artefatos materiais como os desenhos animados, os programas de televisão em geral, as músicas infantis, os jogos de celular, entre outros.

A regulação é o estágio após a mediação, quando a criança passa a regular aquilo que ela faz através da fala. Um exemplo de situação envolvendo uma L2 é quando o professor fala “pegue o lápis *blue*”. Imaginando que houve anteriormente processo de mediação em que o professor mostrou o que era *blue*, a criança provavelmente saberá qual cor ela tem que pegar mesmo que ela ainda não tenha internalizado a palavra *blue*, pois houve um contato com a palavra e a cor na experiência da criança na mediação. Primeiramente, as suas ações são reguladas pelo outro por meio da mediação, com a experiência a criança consegue incorporar os elementos da L2. Assim, como consequência, a autorregulação ocorre quando a criança consegue fazer a relação entre o objeto e a palavra ou elemento linguístico em L2. Seguindo esse raciocínio, ao considerar a aquisição de L2, Mota (2009 p. 44)

cita Lantoff e Thorne (2007) enfatizando que “ser proficiente na língua materna ou em uma segunda língua é ser autorregulado”. Conseguir ser autorregulado significa que a criança, já não precisa mais de ajuda pra assimilar as palavras e os pensamentos em uma L2. Por isso, ser regulado por outro na primeira infância e a mediação são tão importantes para o aprendiz de L2.

Por fim, o aprendiz passa pela internalização, é nesse período em que ele consegue estabelecer uma relação com a realidade em que está inserido. Mota (2009, p.45) cita Gass e Selinker (2008) que afirmam que “a internalização se dá por meio da nossa capacidade de imitar a atividade intencional do outro”. A partir dessa afirmação, pode-se notar que a atividade de imitar é muito útil no aprendizado de uma língua durante o desenvolvimento infantil, é a partir daí é que as palavras vão se consolidando no vocabulário do aprendiz, ocorrendo de fato a internalização da L2.

Apesar de descrever os processos de mediação, regulação, autorregulação e internalização separadamente, é importante destacar que esses não acontecem de modo sequencial e separado. De fato, os processos estão interligados entre si, e não acontecem de maneira isolada. Vale notar que o mediador é responsável por transformar o conhecimento já adquirido da criança (senso comum) em conhecimento científico. Se Piaget (*Apud* Cavvichia 2019) afirma que a criança adquire o conhecimento através da experiência, na teoria sociocultural será na ZDP que o mediador irá proporcionar essa prática, que é entendida como experiência para consolidar o conhecimento adquirido. No caso da ASL, o mediador pode ser o professor da L2 utilizando a LM para mediar o desenvolvimento da L2.

Logo, o aluno na primeira infância precisa experimentar a língua, vivenciá-la na prática e a relacionar com a realidade em que está inserido. A L2 não pode ser algo distante ou utópico. Levando em consideração a teoria sociocultural, pode-se dizer que a ZDP proporciona uma aprendizagem colaborativa entre o aprendiz e o mediador, fazendo com que a assimilação também possa ser mais bem-sucedida, o que vai além da aprendizagem linguística e está também no âmbito cultural e social, constituindo assim, um desenvolvimento holístico e abrangente da criança que recebe a oportunidade de desenvolver uma L2 durante a primeira infância.

2.2 PERÍODO CRÍTICO

Além das contribuições de Piaget sobre o desenvolvimento infantil e a linguagem e da teoria sociocultural de Vygotsky (2007), nesta seção incluímos mais contribuições do ponto de vista biológico por meio da hipótese do período crítico (LENNENBERG, 1969). Embora a hipótese tenha sido contestada por muitos pesquisadores da área de ASL e relativizada por outros, como por exemplo, o professor Abello Contesse (2008; 2019) a idade demonstra ser um fator que exerce influência sobre os processos de ASL.

Neste trabalho, utilizam-se alguns pressupostos sobre o período crítico para complementar a discussão da aquisição de L2 na primeira infância, sob o ponto de vista biológico, complementando o que se sabe sobre esse fenômeno sob a perspectiva sociocultural. A hipótese do período crítico origina-se de pesquisas sobre com o pesquisador Eric H. Lenneberg, linguista e neurocientista, conhecido como o pai do “período crítico”. A partir de bases biológicas, Lenneberg, em seu artigo *“On Explaining Language”*, publicado em 1969 na revista *“Science”*, postula que há, de fato, um chamado “período crítico” para a aquisição da linguagem humana.

Lenneberg analisou o desenvolvimento da AL em crianças sob um viés biológico, afirmando que a linguagem “é uma forma de comportamento presente em todas as culturas do mundo”⁶ (LENNENBERG, 1969, p. 635, tradução nossa). No que tange à aquisição da linguagem, o autor afirma que em “todas as culturas seu início correlaciona-se à idade” (LENNENBERG, 1969, p. 635, tradução nossa)⁷. É possível compreender que, tipicamente, os seres humanos iniciam a aquisição da LM na mesma fase de desenvolvimento, sendo assim, é possível dizer que eles estão mais suscetíveis a adquirir uma L2 no mesmo período em que estão adquirindo a LM.

Ainda segundo Lenneberg, a AL se dá devido a uma maturação do cérebro. Pelo ponto de vista biológico, Lenneberg defende que a aquisição de linguagem

⁶ *It is a form of behavior present in all cultures of the world.* (LENNENBERG, 1969 P.635)

⁷ *In all cultures its onset is age correlated.*(LENNENBERG, 1969 P.635)

começa a se tornar mais difícil quando o cérebro alcança uma maturação de 65%, o que se dá mais ou menos por volta da pré-adolescência. Por este motivo, os estímulos de linguagem deveriam acontecer antes desse nível de maturação, ou seja, na infância e a primeira infância, exatamente no chamado “período crítico”, que seria o período em que o cérebro está justamente nesse processo de maturação. O autor explica a seguir:

É interessante que o período crítico coincida com o tempo cujo qual o cérebro humano atinge o estágio final de maturidade em termos de estrutura, função e bioquímica ⁸ (LENNENBERG, 1969, p.639, tradução nossa).

Na época em que Lennenberg propôs sua hipótese, ele considerou que, após o período de maturação cerebral, a linguagem iria se concentrar no hemisfério esquerdo do cérebro, mas durante o período crítico essa área ainda não é polarizada, fazendo com que todo o cérebro estivesse mais propenso à AL, especialmente as áreas centrais do lobo frontal que estarão envolvidas na produção da linguagem (LENNENBERG, 1969, p. 639, tradução nossa)⁹.

Ademais, Lennenberg afirmou que, aparentemente, ambos os hemisférios estão envolvidos no início do processo de AL, e a especialização toma lugar mais tarde (LENNENBERG, 1969, P.639, tradução nossa)¹⁰, confirmando o que já tinha sido mencionado acima. Todavia, com o desenvolvimento das pesquisas da área, sabe-se que há plasticidade no cérebro e que não existe apenas um hemisfério voltado para a linguagem. Portanto, pode-se dizer que há uma tendência para os processos linguísticos no hemisfério esquerdo, mas não se pode dizer que a linguagem está localizada nesse hemisfério.

O “período crítico” refere-se a uma fase ideal para a AL, essa fase normalmente acontece na criança por volta dos dois anos até o início da puberdade por volta dos 12 anos. Entende-se que após este período torna-se mais difícil desenvolver plenamente as habilidades linguísticas, pois adquirir uma língua, em especial a L2, é um processo complexo e contínuo, e no período crítico algumas

⁸ *it is interesting that the critical period coincides with the time at which the human brain attains its final state of maturity in terms of structure, function, and biochemistry* (LENNEBERG, 1969 P. 639)

⁹ *It is certain, however, that precentral areas of the frontal lobe are principally involved in the production of language* (LENNEBERG, 1969 P. 639)

¹⁰ *These cortical specializations are not present at birth, but become only gradually established during childhood* (LENNEBERG, 1969 p. 639)

regiões do cérebro “assumem o controle” do funcionamento do comportamento e das habilidades cognitivas, dentre elas a linguagem. Como afirma Sartório (2008), o cérebro da criança está em formação e suscetível a receber novas experiências.

O professor Christian Abello-Contesse da Universidade de Sevilla, afirma que o aprendizado de uma L2 pode ser afetado pelo ‘fator idade’, o que aqui é entendido como o “período crítico”, “porque a idade interfere no campo social afetivo e educacional, esclarecendo a relação com o percentual de aprendizagem, tornando-se um desafio” (CONTESSA-ABELLO 2019, p. 170, tradução nossa)¹¹. Lennenberg (1967), *apud* Abello-Contesse (2019), afirma que quanto mais jovem o aprendiz de L2 for, melhor até para a própria aquisição da língua materna, afinal, ao lidar com uma L2, a criança acaba revisando a própria LM, assim reaprendendo aquilo que ela já tem adquirido inconscientemente. Portanto, na aprendizagem de L2, ela faz essa reaprendizagem, consolidando importantes conceitos da LM. De fato, outros autores como Birdsong (2006), Lightbown e Spada (2013), Motter (2007) corroboram a conclusão de que a idade é um fator que impacta a aquisição ou desenvolvimento de uma L2, e que quanto mais cedo, mais propensa está a criança a desenvolver a L2.

Concluindo, pelo viés biológico é possível compreender que há um período em que o aprendiz de L2 está mais apto a desenvolver a linguagem, como vimos esse período é chamado pelos estudiosos de “período crítico”. Sendo assim, é possível prever que crianças na idade entre dois a cinco anos, a primeira infância, estejam mais propensas a adquirir a L2 e que esta pode ser adquirida em paralelo ou sequencialmente à LM.

2.3 O BILINGUISMO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Para iniciar a discussão em relação ao bilinguismo, é importante entender o que é bilinguismo. De fato, em vários dicionários é possível encontrar a definição de ser bilíngue como aquele que é capaz de falar duas línguas porque as utiliza desde muito jovem. Todavia, não existe uma única maneira de definir o “ser bilíngue”, já que é algo extremamente complexo ainda mais na atualidade, entre os autores não

¹¹ *Because of the way age intersects with a range of social, affective, educational, and experiential variables, clarifying its relationship with learning rate and/or success is a major challenge.* (CONTESSA-ABELLO, 2019 p.170)

é possível encontrar uma única definição. Na literatura, Marcelino explica que era possível encontrar até “37 tipos diferentes de bilíngues” (MARCELINO, 2013 p. 4), dentre esses tipos o autor destaca o bilinguismo simultâneo e o consecutivo, que serão explorados posteriormente nesta seção do trabalho.

O bilinguismo geralmente ocorre na primeira infância, quando o aprendiz é exposto a duas línguas ao mesmo tempo. Logo, esses dois códigos estão disponíveis linguisticamente para uso do aprendiz, porém, como diz Marcelino a seguir:

O bilíngue não possui uma “chavinha” para a troca de línguas, mas as duas línguas em questão se complementam, de forma que certos assuntos “fluem” melhor na língua A e outros, na língua B. (MARCELINO, 2009, p. 9)

Assim, percebe-se que não é possível trocar de forma instantânea de um idioma para outro, dessa forma pode acontecer de a criança utilizar as duas línguas ao mesmo tempo, dependendo do contexto, e da situação. É possível que a criança se sinta mais confortável em utilizar a LM, como é o caso de estar em casa, por exemplo, com os familiares e amigos na escola regular, já em outros contextos pode ser que seja preferível utilizar a L2.

Esse pode ser o caso se ela estiver sendo exposta à L2 nas aulas de língua inglesa ou na própria escola de inglês, e em alguns casos, ambas as línguas podem ser usadas intercambialmente. Esse fenômeno é denominado *code-switching*¹² (BIALYSTOK, 2008, p. 8), que quer dizer “troca de códigos” e se refere à alternância de código linguístico de um idioma para o outro como uma estratégia comunicativa (CRISTINO, 2008). Outra forma de se referir ao fenômeno é o termo em inglês “*joint activation*” (BIALYSTOK, 2008, p. 6), ou ativação conjunta, fazendo referência ao que acontece no cérebro quando as duas línguas são ativadas ao mesmo tempo. Esse fenômeno não deve ser considerado uma defasagem na aquisição, a não ser por exceções, pois na maioria dos casos, é considerado algo típico e parte do processo de aquisição do aprendiz. Também não é recomendado que se force a criança utilizar a língua em determinado lugar como acontece em certas situações dos próprios pais exigirem que a criança utilize a L2 em casa, especialmente se ela

¹² *The most visible evidence of joint activation and conflict for selection by bilinguals is in code switching sometimes bilinguals will insert a word or phrase from the other language, having either intentionally or unintentionally chosen the non-target form.* (BIALYSTOK, 2008, P.8)

não possui o domínio do idioma (MARCELINO, 2009). Esse tipo de demanda não é aconselhável porque força a criança a utilizar a língua, mas a língua deve ser utilizada em situações em que a criança se sinta confortável para tal.

Entre as vantagens que são encontradas para a criança bilíngue, uma delas é o desenvolvimento comunicativo e afetivo que, de acordo com Wei: “Em escala maior, ser bilíngue traz vantagens nos campos comunicativo, cognitivo e cultural” (WEI, 2000:22– 24 *apud* Marcelino 2009, p.11). No que tange à dimensão comunicativa, a criança sentirá a necessidade de comunicação como aborda Vygotsky, e o bilinguismo oferece um leque maior de possibilidades em seu repertório linguístico. De fato, Marcelino (2009) explica que, devido a essa atenção que o aprendiz precisa ter a diferentes contextos e situações de uso da língua, ele “se torna mais atento, paciente e sensível a diferentes situações linguísticas do que monolíngues” (MARCELINO, 2009 p. 11). No aspecto cognitivo, ela está adquirindo um novo código, o que auxilia em vários conceitos básicos de aprendizagem na própria LM, e no aspecto cultural, ela está sendo exposta não somente a língua, mas também aos elementos culturais presentes nas duas línguas.

Ellen Bialystok afirma em seu artigo *Bilingualism: “The good, the bad, and the indifferent”* (2008) que “a experiência tem um efeito poderoso no desenvolvimento cognitivo e na estrutura e organização do cérebro (BIALYSTOK, 2008 p.1 tradução nossa)”¹³. A experiência à qual Bialystok se refere é o bilinguismo. A autora chega a essa conclusão após revisar uma série de estudos experimentais envolvendo bilíngues e monolíngues. Os estudos indicam que, ao processar duas línguas simultaneamente, o indivíduo processa não somente elementos linguísticos, mas também elementos não verbais e precisa fazer escolhas dentro de seu repertório linguístico para construir e expressar sentido adequadamente. De modo geral, os estudos mostram que tais processos exigem maior controle de atenção por parte dos bilíngues em comparação com os monolíngues devido ao repertório linguístico dos bilíngues que contém dois sistemas linguísticos. Essa necessidade de escolha linguística adequada a um dado contexto e situação estimula a organização cerebral.

¹³ *That experience has a powerful effect on cognitive performance and brain organization and structure.* (BIALYSTOK, 2008 p. 1)

Ademais, em relação ao bilinguismo simultâneo, cada idioma será representado por um sistema linguístico diferente, de modo que a criança exposta a dois idiomas diferentes terá uma gramática para cada língua representada em sua mente. “Dentro de uma perspectiva gerativista¹⁴ de aquisição de linguagem, a criança em contato, desde cedo, com duas línguas desenvolve duas gramáticas também, a da língua A e a da língua B” (MARCELINO,2009 p. 8). Além disso, Patteli (2015) também indica que a maioria das pessoas acha que um bilíngue é como dois monolíngues em uma única pessoa, mas não é. Para que isso fosse verdade, seria necessário que a pessoa vivesse as mesmas experiências nas duas línguas (PATTELI, 2015, p.28).

Equivocadamente, há quem acredite que o bilíngue é como se fosse dois monolíngues, em especial se pensar as crianças, é como se eles pudessem pensar e agir na LM e depois agir e pensar de outra forma em L2, mas não é possível que o comportamento da criança se dê dessa forma, porque para isso a criança precisaria viver exatamente tudo tanto na LM quanto na L2, que assim as suas representações mentais seriam iguais na LM e na L2, mas isso não ocorre. A professora Marcia Zimmer, da Universidade de Pelotas, juntamente com outros pesquisadores, cita Grosjean (1985;1997) dizendo que

Um indivíduo não é a soma de dois monolíngues, pois os bilíngues usam cada uma de suas línguas para diferentes propósitos em contextos distintos e ao comunicar-se com interlocutores diferentes (GROSJEAN, 1985 *apud* Zimmer et al., 2008 p.4)

Marcelino (2009) destaca que não é possível caracterizarmos um único tipo de bilinguismo, pois não se adquire uma segunda língua de uma única forma. Como mencionado anteriormente, há dois tipos principais de aquisições possíveis, a **aquisição simultânea** e a **aquisição consecutiva**. A aquisição simultânea acontece quando o aprendiz de L2 adquire as duas línguas ao mesmo tempo, a LM e a L2. Já a aquisição consecutiva ocorre quando uma língua é adquirida antes da outra. Entretanto, para a aquisição simultânea de fato acontecer, é necessário alta exposição da L2 na primeira infância, o que pode ocorrer em diferentes contextos, como apresenta Marcelino,

Os contextos favoráveis ao desenvolvimento deste bilíngue é exposição desde cedo em casa por um dos pais ou mesmo pelos dois, e contextos em que a língua de instrução é a L2, mais comum em escolas internacionais, ou

¹⁴ Teoria gerativista de aquisição da linguagem, desenvolvida por Noam Chomsky, (1957).

mesmo como resultado de imigração. Outro fator importante a ser observado aqui é o período crítico para desenvolvimento da linguagem. (MARCELINO, 2009 p. 6)

Percebe-se, assim, que a idade é um dos fatores relevantes no estudo de ASL, entretanto não é apenas necessário que a criança esteja no período crítico para adquirir uma L2, mas outros fatores são envolvidos para que a ASL aconteça realmente, como a exposição à língua, e até mesmo a identificação da criança com o contexto, situação e participantes envolvidos na experiência da criança a L2. Essa exposição citada precisa acontecer de forma intensa e recorrente, independente do meio que a criança estiver inserida, o contato da criança com insumo linguístico frequente e abundante propiciará a aquisição da L2, como afirma Bialystok (2008),

Se esses processos são envolvidos na produção ordinária da linguagem para bilíngues, então é possível que o constante uso deles em um contexto ordinário e frequente teria a consequência de transformar aqueles processos através da prática fazendo eles mais eficientes e mais disponíveis para uma variedade de aplicações. (BIALYSTOK 2008, p. 5 Tradução nossa¹⁵).

Segundo Paiva (20018, p. 177) ASL significa “Aprendizagem de outra língua, depois que se aprendeu a língua nativa. Logo, percebe-se que a autora não faz a distinção entre aprendizagem e aquisição, mesmo assim, percebe-se que em situações de ASL as crianças alcançam essa nova língua, adquirem para si e agora ela também pertence ao acervo linguístico delas. A LM não passa propriamente por esse processo de aquisição da mesma forma que a L2, pois a LM já é algo pertencente ao meio em que a criança está inserida. Em muitos casos, a L2 também pode estar envolvida no meio social da criança, mas antes a criança passa por esse processo de obter, de adquirir para si essa outra língua que então fará parte do leque de opções linguísticas.

O processo da aquisição do inglês como L2 já se inicia na sociedade devido à globalização, sendo que o inglês é a terceira língua mais falada mundialmente, devido à movimentação da economia no regime capitalista. Berger cita Ortiz quando diz que o inglês é uma “língua mundial” (ORTIZ *apud* BERGER, 2005 p. 24). Berger diz que muitos elementos da cultura norte-americana estão presentes no cotidiano

¹⁵ *If these processes are involved in ordinary language production for bilinguals, then it is possible that their constant use in an ordinary and frequent context will have the consequence of transforming those processes through practice, making them more efficient and more available for a variety of applications (BIALYSTOK, 2008, P.5).*

das pessoas em diferentes nacionalidades, e esses elementos servem de ferramenta facilitadora dos contatos internacionais, principalmente a língua. (BERGER, 2015, p.25)

Conseqüentemente, a criança é exposta diariamente a músicas, desenhos, produtos, e outras categorias de palavras que não pertencem à sua cultura, nem à sua LM, mas que naturalmente começam a se inserir no dia-a-dia da criança, sem que ao menos ela perceba que esses são insumos em uma L2. Essa exposição influencia e facilita a ASL, mesmo que uma criança ainda não frequente uma escola de idiomas ou uma escola bilíngue, ou ainda não tenha uma vivência bilíngue na sua casa, ela já está sendo exposta uma L2. Pode-se considerar o exemplo a seguir: a criança todos os dias assiste ao desenho animado que se chama *Yellow Poney*, por mais que ninguém a ensine que *yellow* é amarelo, através da exposição visual e auditiva ela fará essa conexão e chegará um momento que ela vai saber que o pônei do desenho é amarelo e o que a palavra *yellow* significa.

E se observarmos esse mesmo exemplo citado acima na realidade daquelas crianças que têm uma vivência bilíngue, seja numa escola ou na família, ela tem a oportunidade de brincar com os colegas, interagir em jogos e brincadeiras, descobrir regras e estabelecer relações mediadas pela L2 (PATTELLI, 2015).

Mesmo com o desenvolvimento da L2 na primeira infância, é necessário que se faça um trabalho contínuo durante toda a vida escolar para que a criança mantenha a habilidade linguística na L2 conforme exposto abaixo.

As oportunidades de aprendizado são maiores durante a primeira infância e em nenhum outro momento da vida, serão reproduzidas. Por outro lado, nosso corpo também pode eliminar o que não é exercitado (sinapses, neurônios), pois o consumo de energia é alto.

Um ponto muito importante é que sim, é necessário que haja estímulos cerebrais diversos para que as crianças consigam se desenvolver, criar e consolidar mais sinapses neuronais, assim o cérebro consegue manter-se sempre ativo e atento, porém, a maioria das crianças que são criadas em ambientes enriquecidos, propícios ao aprendizado em diversas áreas, com estímulos necessários para sua fase, já tem estímulos suficientes (PATTELLI, 2015, p. 13).

Assim, há indícios de que quanto antes o falante for exposto a L2, mais facilidade ele tem em conseguir desenvolver a ASL. Todavia, tudo que se aprende na infância, se não for aperfeiçoado, praticado, ou se o nosso cérebro entender que não é útil para a vida, é descartado, assim acontece também com a linguagem. Não

se trata da fluência de uma criança em ambiente bilíngue, mas daquelas crianças que porventura aprendem poucas palavras na primeira infância e depois não há uma continuidade de contato com o idioma.

Também não se propõe que não seja mais possível aprender uma L2 depois que passou a primeira infância ou o “período crítico”, “porém será mais custoso para o cérebro, pois terá que refazer certos caminhos sinápticos que foram desfeitos devido à falta de uso.” (PATTELI, 2015, p. 16). É como se o cérebro precisasse refazer toda uma aprendizagem que poderia ter sido iniciada na infância, mas não teve sequência.

Considerando a complexidade do processamento linguístico de indivíduos bilíngues, vale destacar o nível de consciência linguística. De acordo com Bialystok (1988), existe uma relação positiva entre o nível de consciência linguística e o nível de bilinguismo dos participantes do estudo. Dois componentes fizeram parte das tarefas metalinguísticas desenvolvidas pela criança para o estudo proposto, que envolveu a “análise de conhecimento linguístico e o controle de processamento linguístico”¹⁶ (BIALYSTOK, 1988, p. 561, tradução nossa). No que tange ao controle de processamento linguístico, considera-se que “é o componente executivo responsável por direcionar a atenção para a seleção e a integração de informação”¹⁷ (BIALYSTOK, 1988, p. 561, tradução nossa). Quando a criança está passando pelo processo de ASL, esse controle de atenção pode aumentar porque requer processamento de mais *inputs* linguísticos, já que o controle de processamento linguístico nada mais é do que a atenção necessária para desenvolver qualquer tarefa de linguagem, em especial as metalinguísticas. Na maioria das vezes, o controle é focado no significado das palavras, e no uso contínuo da fala como formulação de frases, porém a necessidade de prestar atenção ao significado das palavras pode impactar a atenção no processamento da L2.

Por outro lado, as tarefas metalinguísticas tendem a auxiliar no processo de ASL por meio do controle de processamento linguístico e da análise de conhecimento linguístico, conforme exposto a seguir:

¹⁷ *Control of linguistic processing is the executive component responsible for directing attention to the selection and integration of information* (BIALYSTOK, 1988, p.561)

Similarmente, tarefas metalinguísticas tipicamente requerem das crianças foco na forma e, às vezes, ignorar ou suprimir o significado (BIALYSTOK, 1988, p. 561, tradução nossa)¹⁸.

Vários estudos indicam que há várias áreas do cérebro ativadas pelo bilinguismo no córtex pré-frontal, nas regiões: bilateral frontal, pré-central, temporal, entre outras, pois esse fenômeno causa alteração nas redes neurais, indicando uma relação comportamental-cerebral (BIALYSTOK, 2012). Os resultados desse estudo de 2012 indicam que praticamente todo o cérebro está presente no processamento de L2.

No Brasil, estudos que investigaram o processamento bilíngue no cérebro sugerem que a criança ativa regiões cerebrais que não necessariamente estão trabalhando para a linguagem. De acordo com Timer et al. (2008), alguns estudos demonstram que o hemisfério direito parece especializar-se em áreas como semântica, fonologia, sintaxe e pragmática, incluindo juntamente a tarefa de interpretação; ao passo que o hemisfério esquerdo trabalha na função lexical, fazendo a seleção de palavras e disponibilizando as representações mentais. De modo semelhante, Flory e Souza (2009) sugerem que crianças menores de seis anos utilizam a bilateralidade do cérebro ao desenvolver bilinguismo. Tanto Zimmer et al. (2008), como Flory e Souza (2009) apresentam os conceitos de bilinguismo coordenado, composto e subordinado.

O bilinguismo coordenado se dá quando a criança utiliza a mesma palavra na LM e na L2, mas com representações mentais separadas, “organizado separadamente, em dois conjuntos de unidades de significado” (FLORY E SOUZA, 2009, p.9). Já o bilinguismo composto ocorre quando a palavra nas duas línguas possui a mesma representação mental e/ou conceito “relacionados a uma mesma unidade de significado” (FLORY E SOUZA, 2009, p. 9). Por fim, o bilinguismo subordinado acontece da maneira “em que uma palavra da L1 seria acessada por intermédio da sua tradução na L2” (ZIMMER ET AL., 2008, p. 3). Assim, a representação mental ou conceito da L2 consegue vir à tona para a criança quando ela faz a ligação com a mesma representação na sua LM.

Ao considerar os estudos que compõem esta revisão bibliográfica, é possível dizer que as conexões neurais possibilitadas pelo bilinguismo, bem como as

¹⁸ *Similarly, metalinguistic tasks typically require children to focus on forms and, sometimes, to ignore or to suppress meaning* (BIALYSTOK, 1988, P. 561)

experiências das crianças, juntamente com a exposição nas escolas bilíngues e nas aulas de inglês, facilitam a o desenvolvimento da L2 em um processo que inclui a vivência cultural e familiar, e traz vantagens em termos de desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e cultural.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

O presente trabalho tem como tema o processo da aquisição do inglês como segunda língua na primeira infância e busca entender como se dá esse processo através da pesquisa bibliográfica. A pesquisa foi realizada através de leituras de pesquisadores dessa área que realizaram estudos desde o desenvolvimento humano até o bilinguismo na infância.

3.1 QUESTÕES NORTEADORAS ACERCA DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Tendo em vista o crescente número de escolas bilíngues no Brasil e a alta exposição de língua inglesa que ocorre na primeira infância nos dias atuais, é possível levantar questões tais como, levando em conta que na primeira infância as crianças estão adquirindo a língua materna, é possível também adquirir uma segunda língua? Como se dá o processo de aquisição de segunda língua na primeira infância? Quais os fatores que contribuem para essa aquisição?

Essas questões são essenciais para a construção dessa pesquisa, a qual busca resolver e discutir esses questionamentos a partir das leituras realizadas de autores que já pesquisaram sobre o assunto, a fim de resolver esses conflitos citados.

3.2 PESQUISA NA LITERATURA

Esta pesquisa é do tipo bibliográfica¹⁹ e o objeto de estudo é a compreender melhor a aquisição de segunda língua durante a primeira infância e inclui pesquisas sobre o bilinguismo nesse período.

A coleta de dados para esse trabalho se deu por meio de leituras de pesquisadores das áreas de desenvolvimento humano e bilinguismo, pertinentes para o estudo, a fim de compreender o processo de aquisição de segunda língua na

¹⁹ Segundo Macedo, a pesquisa bibliográfica é a busca de informações bibliográficas, ou seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa e o respectivo fichamento das referências, para que sejam posteriormente utilizadas. (MACEDO, 1994, P.13)

primeira infância. Inicialmente, da área mais ampla para as áreas mais específicas, dividindo o processo em subáreas. Utilizou-se para o trabalho as pesquisas de desenvolvimento humano e a linguagem, o período crítico como um fator de aprendizagem para a ASL e o bilinguismo na primeira infância, com o objetivo de entender o funcionamento das duas línguas como códigos nas relações mentais das crianças.

3.3 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Os textos foram selecionados a partir da área mais ampla, o desenvolvimento da linguagem, até a área mais específica, que é o bilinguismo na primeira infância. No quadro a seguir, aparecem os temas estudados e os autores selecionados para cada um:

Quadro 2: fontes de pesquisa.

TEMA ESTUDADO	AUTORES SELECIONADOS
Desenvolvimento humano e a linguagem materna	PIAGET <i>apud</i> CAVICCHIA (2019) VILANI (2019) LIGHTBOWN E SPADA (2013) ROMERO (2015) VYGOTSKY (2007) MOTA (2009)
Período crítico	ABELLO CONTESSE (2019) ERIC LENNENBERG (1969) SARTORIO (2008)
Bilinguismo na infância	MARCELINO (2013, 2009) BIALYSTOK (1988, 2008, 2012) PATTELI (2015) ZIMMER ET AL (2008) FLORY E SOUZA (2009)

Fonte: Autora própria(2020)

3.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa realizada a partir de fontes bibliográficas, conforme citadas no quadro acima. As leituras realizadas tiveram a finalidade de compreender o processo da aquisição de segunda língua, assim como os fatores importantes para esse caminho trilhado pelas crianças bilíngues, e as conexões neurais, sociais e culturais que a criança faz durante o processo.

Na sequência, analisar-se-ão os dados encontrados na pesquisa bibliográfica, fazendo um apanhado de informações para compreender os conflitos e questões já citados anteriormente.

Nessa seção será apresentada a discussão dos dados obtidos por meio das leituras feitas para a produção dessa pesquisa, a partir de conceitos já apresentados nos capítulos anteriores, que consistiram em informações acerca do processo de aquisição de uma segunda língua na primeira infância, incluindo aspectos relacionados ao bilinguismo. Sendo assim, retomam-se as perguntas de pesquisa que orientaram este trabalho:

Pergunta de pesquisa 1: Como se dá o processo de aquisição de segunda língua na primeira infância?

Pergunta de pesquisa 2: Quais os fatores que contribuem para a aquisição da L2 na primeira infância?

3.4.1 Como se dá o processo de aquisição de segunda língua na primeira infância?

Levando em consideração a teoria sociocultural, é possível dizer que o processo de aquisição da L2 na primeira infância se dá principalmente pela interação social que a criança fará com a ajuda do mediador, passando pela ZDP e fazendo com o que o seu conhecimento linguístico, até então de língua materna, representando a zona de desenvolvimento real, passe para a zona de desenvolvimento potencial. O que neste contexto vale ressaltar é o papel do mediador e a ZDP que, como já explanado, traz constantemente a experiência social da criança por meio da linguagem e contribui na aquisição de L2, pois pela

mediação a criança gradualmente realiza assimilações de todas as experiências linguísticas e/ou culturais que já vivenciou com a L2.

Sendo assim, entende-se como mediador o professor ou os pais, pois estes proporcionam essa vivência da L2, com atividades, brincadeiras, jogos ou qualquer outra maneira de expor a criança a uma nova língua. Assim, a criança irá de fato experimentar a segunda língua por meio da ZDP, criando uma aprendizagem colaborativa entre o mediador e a criança, pois ensinar o inglês na primeira infância não é unicamente a língua e seus elementos, mas a língua está inserida em uma esfera social e cultural, representando uma experiência de vida para a criança ao passar pelo processo de aquisição de L2.

Através dos estudos do desenvolvimento humano, estudados aqui principalmente com Piaget e Vygotsky, sabe-se que a LM é adquirida por meio do contato social, porém viu-se que a LM e a L2 são códigos linguísticos utilizados pela criança. Portanto, a aprendizagem de L2 não consiste em uma repetição de palavras ou uma cópia do professor e/ou responsáveis, tal como a LM também não é uma cópia, e sim uma experiência social através da realidade, assim representando sua realidade com a LM na L2 como um processo de transferência de códigos construindo assim um intercâmbio cultural entre escola-família e família-escola o que vai estruturar a própria cultura da criança.

Além disso, segundo a hipótese do período crítico, existe uma fase em que a criança está mais apta a adquirir códigos linguísticos, segundo os estudos de Lennenberg (1969), pois durante a primeira infância até por volta da pré-adolescência o ser humano está mais propenso a adquirir novas línguas e a realizar mais conexões neurais acerca da linguagem, o que torna a aquisição de uma L2 mais acessível às crianças.

Em relação ao bilinguismo, este ocorre por meio de fatores como a idade, a exposição social, a identidade cultural e outros. “Vale lembrar que, até algum tempo atrás, algumas características do bilinguismo eram vistas como defasagem na aprendizagem, entre essas características, os estudos aqui revisados apontaram para o fenômeno de code-switching”. (BIALYSTOK, 2008). Hoje se sabe que esse fenômeno acontece porque a criança está adquirindo as duas línguas em vez de uma, e o fenômeno representa uma estratégia comunicativa, por isso não é recomendado que se force a criança utilizar determinada língua em um contexto que

ela não se sente confortável, e nem que corrija a fala quando acontece *code-switching*.

Em vez de problemas como prévia e equivocadamente se pensava, o fator bilinguismo traz para a criança vantagens nos campos comunicativo, cognitivo e cultural. No campo comunicativo a criança sente a necessidade de se comunicar, vendo que na escola bilíngue, no curso de idiomas ou na família aquele código é utilizado. Portanto, se não for utilizado, ela não conseguirá estabelecer uma comunicação com quem está mediando essa experiência de aquisição linguística. No campo cognitivo, a criança aprende vários elementos básicos que também são usados na língua materna, por vezes ligados à gramática semântica ou pragmática, administrando dois sistemas linguísticos em sua mente. Assim, o bilinguismo leva à ativação de várias áreas do cérebro, tais como as regiões: bilateral frontal, pré-central, e temporal, estimulando uma relação comportamental-cerebral que causa alterações nas redes neurais e indica também que praticamente todo o cérebro está presente na produção de uma segunda língua.

Já no campo cultural, a criança também é exposta a elementos culturais da língua que aparecem ao longo do processo de aquisição, além das crianças se tornarem mais atenciosas e sensíveis a conflitos linguísticos do que monolíngues.

3.4.2 Quais os fatores que contribuem para a aquisição da L2 na primeira infância?

Por meio dos estudos lidos com relação ao período crítico, é aceitável concordar que a idade é um fator de importância para a aquisição de linguagem, pois o cérebro está apto a receber códigos linguísticos nesse período. Pensando nisso, quanto mais jovens forem as crianças, mais propensas estarão a receber um novo código. Em outras palavras, do ponto de vista biológico, os estudiosos afirmam que há esse período em que o cérebro infantil está apto a adquirir uma nova língua e o chamam de “período crítico”, em especial na primeira infância, quando já se adquire a língua materna.

Outro fator importante levantado nesse estudo é o contato social, abordado pela teoria sociocultural, pois a língua é também uma experiência de vida não formada só por regras gramaticais e estruturas linguísticas, mas também elementos culturais. O intercâmbio de conhecimentos utilizando a língua estudada ajuda a criança a estabelecer conexões e formar novas representações mentais, por isso o

contexto social no qual a criança esta inserida e no qual ela aprende a nova língua também é levado em consideração no aprendizado de segunda língua. Esses são os principais fatores levantados neste estudo, todavia, é importante mencionar que pode haver outros, dependendo da realidade de cada criança e o que é imposto a cada uma durante o processo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, é possível perceber que o bilinguismo pode ser benéfico nos campos comunicativo, cognitivo e cultural, devido às relações mentais e às conexões neurais previamente discutidas.

No que tange à aquisição de L2 de modo geral, o fator idade influencia a aquisição de L2, e percebe-se que a primeira infância é uma fase bastante propícia para exposição da criança a uma L2.

Além da idade, o fator interação é fundamental para que seja possível a aquisição de L2 na primeira infância. A experiência vivenciada pelas crianças em um contexto em que haja exposição à L2 é fundamental. A presença de mediador em interação com aprendiz promove uma vivência colaborativa de aquisição da L2, permitindo que a criança vivencie a L2 e a relacione à sua realidade, absorvendo, assim, além de códigos linguísticos, também experiências culturais e sociais formativas para sua vida.

A partir da experiência com crianças da educação infantil, da qual surgiu esse trabalho, pode se pensar que ainda existem limitações como o campo da neurociência que vai muito além do que foi pesquisado, também essa pesquisa poderia ir mais além pesquisando os próprios alunos in loco, ou a formação dos professores em escolas bilíngues ou até mesmo os recursos pedagógicos utilizados nas aulas.

Essa revisão futuramente pode ser utilizada para pais que sintam a necessidade de compreender melhor o processo de aquisição bilíngue, professores e estudantes da área de letras ou demais interessados na aquisição de língua inglesa na primeira infância.

REFERÊNCIAS

ABELLO-CONTESSA, Christian. Age and Period Critical, **ELT Journal** V. 63/2 p. 170 – 172. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BERGER, Maria Amália Façanha. **O Papel da Língua Inglesa no Contexto de Globalização da Economia e as Implicações do Uso das NTICs no Processo de Ensino Aprendizagem desse Idioma**. DISSERTAÇÃO – MESTRADO. São Cristóvão: pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa Núcleo de pós-graduação em educação - Universidade Federal do Sergipe, 2005.

BIALYSTOK, Ellen. Bilingualism: Consequences for mind and brain. **Trends Cogn Sci** p. 240-250. Washington: National institutes of Health, 2012.

_____, Ellen. Bilingualism: The good, the bad, and the indifferent Bilingualism: Language and Cognition, v. 12, n. 1, p.3-11, Cambridge: **Cambridge University Press** , 2008.

_____, Ellen. Levels of bilingualism and levels of linguistic awareness, **Developmental Psychology**, Vol. 24, No. 4, 560-567. Ontario: York University, 1988.

BIRDSONG, David. Age and second language acquisition and processing: a selective overview. **Language Learning**, v. 56, p. 9-49, 2006.

CAVVICHIA, Durlei de Carvalho. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida**. Araraquara: Departamento de Psicologia – Universidade Estadual de São Paulo campus Araraquara, 2019.

CRISTINO, Luciana dos Santos. **Bilinguismo e code-switching: um estudo de caso**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13934>. Acesso em 16 de novembro de 2020.

DASSI, Camila Caroline Oliveira. **Os benefícios e desafios do bilinguismo na infância e o desenvolvimento cognitivo e cerebral**. 52 f. TCC (Graduação) Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

EAGLETON, T. **A Idéia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. 204 p. In DAGIOS, Marcele Garbin. As concepções de interculturalidade e suas aplicações no ensino de língua inglesa: uma análise da visão dos professores do sudoeste do Paraná. 99f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

FERRACIOLI, Laercio. **Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem na obra de Piaget**. Vitória: Departamento de física – Universidade federal do Espírito Santo, 1999.

FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Influências do Bilinguismo Precoce sobre o desenvolvimento Infantil: Vantagens, Desvantagens ou Diferenças? **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XIX, p.41-61, jan. 2009.

LEFFA, Vilson J. **Língua Estrangeira Ensino e aprendizagem**, Pelotas: Educat – editora da universidade federal de Pelotas. 2016.

LENNENBERG, Eric H. On explaining Language, **Science** Vol. 164, No. 3880. P. 635-643. Washington: American Association for the Advancement of Science, 1969.

LIGHTBOWN Patsy; SPADA Nina. **How Languages are learned**. Fourth edition. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa Bibliográfica**. São Paulo: Edições Loyola. 1994.

MARCELINO, Marcello. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. **Revista Intercâmbio**, volume XIX: 1-22, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009.

MOTA BORGES, Mailce. **Linguística Aplicada I**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Aquisição de Segunda Língua. 1. Ed. Reimpressão. São Paulo: Parábola, 2014. V.1. 200p.

PATTELI, Mariana Buckarte. **Neurociência, Bilinguismo e o processo de aprendizagem na primeira infância**. TCC GRADUAÇÃO. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2015.

ROMERO, Priscila. **Breve estudo sobre Lev Vygotsky e o sociointeracionismo**. Revista educação pública, 2015. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/8/breve-estudo-sobre-lev-vygotsky-e-o-sociointeracionismo>> Acesso em: 01/10/2020

SARTÓRIO, Rodrigo. **Compreendendo e aplicando as neurociências na educação**. 2008.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Psicolinguística: uma entrevista com Leonor Scliar-Cabral. **ReVEL**. Vol. 6, n. 11, 2008.

YVYOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Climepsi, 2007.

ZIMMER, Marcia; FINGER Ingrid; SCHERER Lilian. Do Bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. **ReVel** vol. 6 n. 11 p. 1-28, 2008.